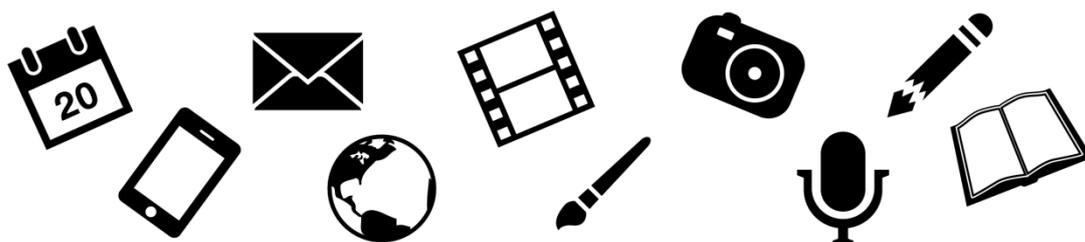




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

01, 02, 03 e 04 de março de 2014

A Notícia - Anexoideias

"Mais do que mil palavras?"

Onipresença de câmeras fotográficas ou de vídeo / Vigilantismo / Sociedade da imagem / Guy Debord / Livro *A Sociedade do Espetáculo* / Imagens catalisadoras de debates públicos / Novas práticas de circulação e de reprodução / Professor de História da UFF e diretor do Arquivo Público do Rio de Janeiro, Paulo Knauss / Doutor em Semiótica pela PUCSP e professor de fotografia na UFSC, Isaac Antonio Camargo / Carlos André Moreira

A Notícia - Anexoideias - 01 e 02/03/2014



REPRODUÇÃO, BAND TV

Foto capta o momento em que o cinegrafista da Band TV Santiago Andrade é atingido por um rojão, no Rio



Jovem de 15 anos espancado e preso a poste, também no Rio: denúncia da barbárie foi feita pela internet

Mais do que mil palavras?

Onipresença das câmeras facilita a captação de registros de cenas e episódios que pautam o debate público

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

Alguns dos temas mais comentados pela sociedade brasileira, alguns dos links mais compartilhados nas redes sociais, alguns dos assuntos que mais provocaram discussão nos últimos tempos, tinham um ponto em comum: originavam-se em um vídeo ou uma foto. A morte do cinegrafista da TV Bandeirantes, Santiago Andrade, atingido por um rojão em protesto no Rio, gerou uma caçada à imagens que identificassem os responsáveis. Um jovem brutalmente espancado, também no Rio, foi preso, nu, a um poste, por uma tranca de bicicleta. A imagem fez o Brasil encarar a escala da cada vez mais aberta do vigilantismo. Presos no Maranhão chacinaram adversários e registraram em vídeo as cabeças decepadas. Um deputado federal, Luiz Carlos Heinze (PP), precisou se explicar após ser gravado dizendo que "quilombolas, índios e gays" são

"tudo que não presta", "aninhados" na Secretaria Geral da Presidência. Quando todo mundo parece ter uma câmera, a imagem, mais do que valer por mil palavras, produz milhares delas.

Não que a existência de uma "sociedade da imagem" seja novidade: ela já era postulada na obra de Guy Debord, *A Sociedade do Espetáculo* (1967), que previa a substituição do fetichismo da mercadoria pelo da imagem. O que Debord não podia prever naquele momento era a emergência de uma série de tecnologias que tornariam possível a qualquer um produzir uma imagem instantaneamente, em câmeras compactas ou em celulares, e difundi-la na internet.

Este é um dos elementos que explicam o quanto as imagens têm se tornado catalisadoras de debates públicos: o fato de que hoje elas não são mais produzidas apenas por instâncias "oficiais" como o Estado ou a mídia.

— As imagens sempre participaram do social, fossem elas de governantes ou de figuras religiosas. A novidade importante hoje não é a onipresença

da imagem, mas as novas práticas de circulação e, sobretudo, de reprodução — diz Paulo Knauss, professor de história da Universidade Federal Fluminense (UFF) e diretor do Arquivo Público do Rio de Janeiro.

Várias grandes questões foram lançadas no último ano devido à divulgação de imagens que contrariavam discursos ou justificativas ensaiadas. A truculência das polícias militares em todo o País, por exemplo, foi posta em xeque por flagrantes feitos por milhares de pessoas durante as grandes manifestações de junho.

— A imagem pauta as discussões porque, se você tem a imagem, tem uma prova. E, nesse sentido, cada vez mais ela tem servido como prova das fragilidades do Estado e das instituições. No caso dos abusos das PMs, o Estado não tem controle de seus agentes individuais, e isso ficou claro. Com a nova tecnologia, o Estado vai estar sempre a reboque da situação, só resta a ele tentar justificar a incompetência e a falta de possibilidade de agir preventivamente — avalia Isaac Antonio

Camargo, doutor em semiótica pela PUCSP e professor de fotografia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Os casos mais recentes, o do rojão que atingiu o cinegrafista e o da imagem do menino acorrentado a um poste, denunciado pela ativista Yvonne Bezerra de Mello, conseguiram reverter mesmo o entendimento pessimista de que tantas imagens, por toda parte, terminariam por anestesiarem a recepção do público. Em ambos os casos, as imagens provocaram impacto. A do jovem acorrentado, especificamente, despertou ressonâncias muito claras com outras imagens também significativas do passado brasileiro.

— A maior parte das imagens hoje é quase invisível, você olha, mas não vê. Algumas, no entanto, conseguem capitalizar toda uma memória visual à qual se atribui um sentido maior. Era impossível não reconhecer naquela imagem de um menino negro acorrentado uma referência visual relacionada com cenas retratadas da escravidão — comenta Paulo Knauss.

"Dissidências na UFSC: Começa o debate eleitoral"

Antecipação do debate eleitoral / Eleições para sucessão da Reitora Roselane Neckel / Realinhamento entre grupos políticos / Carlos Alberto Justo da Silva, o Paraná / Cisão na base de Roselane Neckel / Pedido conjunto de demissão dos pró-reitores Beatriz Paiva (Planejamento e Orçamento), Roselane Campos (Ensino de Graduação), Lauro Mattei (Assuntos Estudantis) e da Pró-Reitora Adjunta de Assuntos Estudantis, Lúcia Helena Lenzi / Movimento pré-eleitoral da esquerda da UFSC / Carta aberta do professor Irineu Manoel de Souza / Jornada de trabalho de seis horas / Acusações de perseguição a funcionários / Conselho de Curadores / Compra do edifício Santa Clara / Ex-Reitor Álvaro Prata

DISSIDÊNCIAS NA UFSC Começa o debate eleitoral

UPIARA BOSCHI

Os 43 mil alunos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) estão de férias até 17 de março, mas politicamente o ano já começou na maior instituição de ensino superior do Estado. Professores, servidores, estudantes e a própria reitoria ainda assimilam o significado do pedido conjunto de demissão de três pró-reitores e uma pró-reitora adjunta que tornou explícita a antecipação do debate eleitoral na universidade.

As eleições para sucessão da reitora Roselane Neckel estão marcadas para o ainda distante novembro de 2015, mas as avaliações correntes no campus da UFSC em Florianópolis dão conta de um realinhamento entre os grupos políticos que garantiram a vitória contra a então chapa situacionista liderada por Carlos Alberto Justo da Silva, o Paraná, em 2011.

Saída de pró-reitores expõe fissuras na atual gestão e antecipa disputa de 2015

A cisão na base de Roselane Neckel aconteceu em 14 de fevereiro, quando os pró-reitores Beatriz Paiva (Planejamento e Orçamento), Roselane Campos (Ensino de Graduação) e Lauro Mattei (Assuntos Estudantis) assinaram uma carta aberta dizendo-se alvos de "implacáveis contestações" e reclamando de falta de sintonia com a administração central da universidade. Também assinava a carta a adjunta de Assuntos Estudantis Lúcia Helena Lenzi.

A decisão foi o segundo passo de um movimento pré-eleitoral no campo da esquerda da UFSC. Em novembro, quando a gestão completou dois anos, foi distribuída pelo campus uma carta aberta do professor Irineu Manoel de Souza, terceiro colocado nas eleições de 2011. No documento, alega "insatisfação coletiva" pelo não atendimento de propostas que teriam sido absorvidas por Roselane no segundo turno das eleições. Com forte apoio entre os servidores, Irineu foi fundamental na virada eleitoral que levou Roselane à reitoria. A principal bandeira do professor era a redução da jornada de trabalho para seis horas sem alteração de salário. A reitora tem afirmado que não tem autonomia legal para implantar a mudança e que não acatou a proposta.

— Eram aquelas as nossas propostas. Se ela aceitou nosso apoio, estava claro que aceitava as propostas — afirma Irineu.

Os ex-pró-reitores têm evitado alimentar as polêmicas. Fecharam acordo de não conceder entrevistas e participaram ativamente da transição nos cargos.

— A reitora representa uma descontinuidade e sofre com o inconformismo de um grupo à direita que sempre comandou a universidade e que ela destronou. Esse embate é diário. Ao mesmo tempo, sofre a crítica de uma certa esquerda. Fora isso, há que se levar em conta que boa parte das pessoas que ocupam cargos na gestão o fazem pela primeira vez — analisa um colaborador direto da atual administração.



Reitora diz que não pretende ser candidata na próxima eleição

Críticas de antigas gestões

A reitora sofre críticas de grupos ligados às antigas administrações da universidade. São correntes as acusações de perseguição a funcionários que participaram das gestões dos reitores Álvaro Prata, Lúcio Botelho e Rodolfo Pinto da Luz. A reitoria não soube precisar o número de sindicâncias abertas para investigar atos de professores e servidores. Admite algo em torno de 180 processos em curso, mas ressalta que irregularidades têm de ser investigadas e que todos têm direito a ampla defesa.

— Ela foi limpando vários setores, removendo pessoas. Professores que para ela representam as antigas gestões não conseguem aprovar projetos — queixa-se um professor ligado a administrações passadas. O maior palco de disputas na

atual gestão foi o Conselho de Curadores, onde aconteceu a maior polêmica da primeira metade do mandato de Roselane: a compra do Edifício Santa Clara. O órgão deu parecer contrário à operação questionando os valores envolvidos, mas teve seu encaminhamento rejeitado pela reitoria. Desde então, o conflito foi permanente.

Derrotado em 2011, o grupo político tenta se recompor e buscar uma candidatura viável para 2015. Na última disputa, a chapa liderada por Carlos Alberto Justo da Silva, o Paraná, foi perdendo no segundo turno, com forte rejeição entre os estudantes. O antecessor Álvaro Prata é citado, mas atualmente está no Ministério de Ciência e Tecnologia. Se permanecer em Brasília, dificilmente entraria na disputa.

ENTREVISTA

Roselane Neckel
Reitora da UFSC

"Definição de uma gestão não é fácil"

Reitora diz que ano será de muitos desafios e nega ter encampado proposta de jornada de seis horas.

Diário Catarinense — Chama atenção o gesto: três pró-reitores e um adjunto lhe entregam uma carta deixando os cargos alegando divergências sobre como deve ser conduzida a universidade. Como a senhora avalia isso?

Roselane Neckel — O processo de definição de uma gestão não é fácil. Esse ano temos muitos desafios que precisam ser realizados e colocamos de forma muito clara a todos os pró-reitores e secretários. Os pró-reitores fizeram cada um deles a sua avaliação. Eu não vi em nenhum momento na saída dos pró-reitores quaisquer tipos de questionamentos sobre os encaminhamentos políticos que estão sendo feitos.

DC — Existe uma avaliação corrente no campus de que essa saída representa um realinhamento eleitoral visando as próximas eleições para reitor.

Roselane — Desde que fui candidata tenho combatido a política tradicional que se baseia na ideia de que logo após uma eleição você já está pensando na próxima. Acho que isso faz muito mal para a UFSC. Temos muito trabalho a ser feito.

DC — A senhora é candidata à reeleição?

Roselane — (risos) Não. O nosso plano de gestão sempre foi o de fazer o melhor para a universidade. Se eu estivesse fazendo política pensando na reeleição, não estaria fazendo o que estamos fazendo. Dentro da perspectiva de política tradicional.

DC — Em algumas avaliações a saída dos pró-reitores é vista como desdobramento da carta assinada pelo professor Irineu de Souza em novembro, dizendo que não tinha relação com a reitoria apesar do apoio dado no segundo turno em 2011.

Roselane — A gente não escapa mesmo das avaliações tradicionais de política. Tínhamos simpatia por muitas das propostas, mas eu e a Lúcia somos muito pé no chão. Tem coisas que você sonha e consegue fazer. Outras ficam só no sonho.

DC — A senhora está falando da implantação da jornada de seis horas?

Roselane — Estou falando de várias coisas. Mas não assumimos a posição de seis horas.

diario.com.br

> Confira a íntegra da entrevista no blog Bloco de Notas

Diário Catarinense

Memória

“Bodas de Ouro do Direito”

Bodas de Ouro da última turma formada da Faculdade de Direito de Santa Catarina / Rua Esteves Júnior / UFSC / Professor João David Ferreira Lima / Professores Othon Gama d’Eça, Madeira Neves, Osmundo Wanderley da Nóbrega e Alcides Abreu / Paraninfo da turma, desembargador João José Caldeira Bastos / Nelson Antunes Martins / Presidente do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, Nelson Juliano Schaefer Martins / Roberto Lapa Pires

Memória

O PASSADO

VALEU A PENA

Bodas de Ouro do Direito

ROBERTO LAPA PIRES

Advogado e professor aposentado. Morador de Florianópolis

A última turma de Direito formada ainda sob a égide de nossa Faculdade de Direito de Santa Catarina da Rua Esteves Júnior, nº11, em Florianópolis, completou 49 anos em dezembro e comemora bodas de ouro em 2014. Depois de 1964, o curso passou a integrar a recém-fundada Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O professor João David Ferreira Lima nos ministrou sua última aula de Ciência das Finanças, transferiu o material de aula ao substituto e anunciou sua próxima posse na reitoria.

Essa histórica turma iniciou com cem alunos, em dois turnos de 50 – aprovados em um concorridíssimo vestibular diante de bancas constituídas por destacados mestres em seus quadros: Othon Gama d’Eça, Madeira Neves, Osmundo Wanderley da Nóbrega e outros. Remanesce entre nós, Alcides Abreu.

Uma expressiva turma, pois, forjada em um momento de intensas turbulências sociais e políticas no país, com expressivos anseios democráticos e sede de justiça. Viriam seus integrantes, pois, trazer valorosa contribuição profissional neste já delongado período de meio século, nos diversos campos de atuação do Direito – advogados, juízes, desembargadores, ministros, professores, parlamentares, promotores, procuradores, militares, funcionários públicos, empresários e outros. Hoje, certamente no limbo da serenidade dos septuagenários, administram o seu merecido “ócio remunerado” e comemorarão meio século de conquista.

Todavia, dos que já partiram de nosso convívio, ficaram a saudade e a lembrança dos anseios que juntos comungamos pelo ideal do Direito e da Justiça desde o convívio acadêmico até seus últimos dias

entre nós. Dentre eles, desejo evocar a lembrança do saudoso colega dr. Nelson Antunes Martins no sublimado instante em que seu ilustre filho, desembargador Nelson Juliano Schaefer Martins, assume a chefia do poder Judiciário de nosso Estado.

E se me fosse permitido o direito de lhe sugerir apenas um mote, uma simples marca de gestão à frente de nosso tradicional judiciário catarinense, lembrar-lhe-ia, tão somente um simples anseio que partilhamos, eu e seu pai, desde estudantes, até nos anos todos em que vivenciamos nosso trabalho e constatamos ser uma unanimidade entre os que dignificam sua vida no culto ao direito e à justiça: celeridade processual.



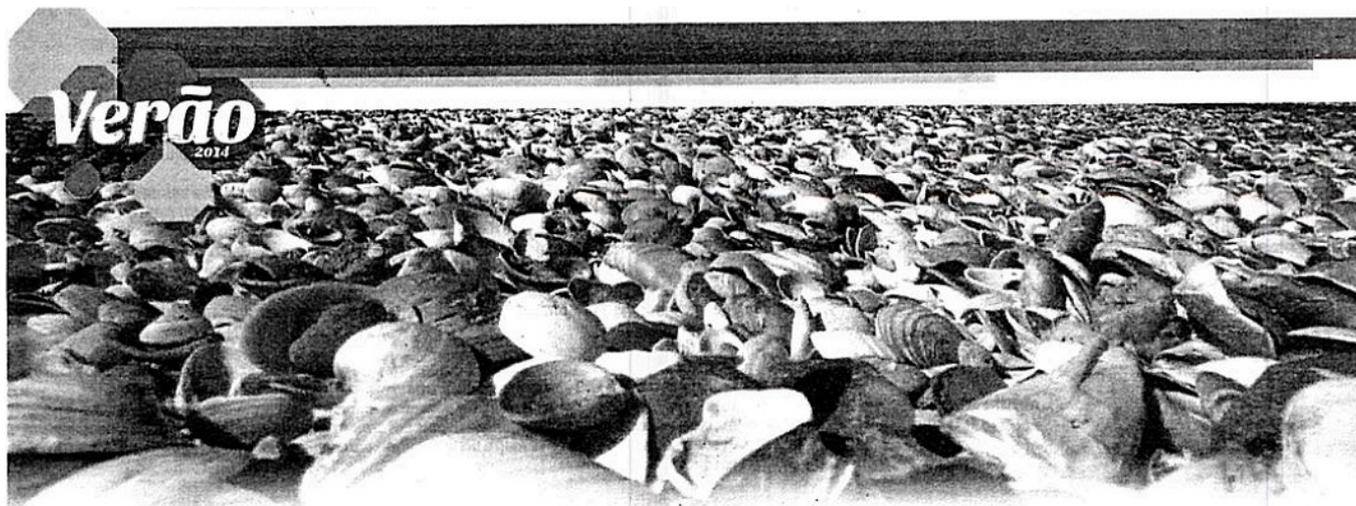
O jantar e formatura na casa do paraninfo, professor desembargador João José Caldeira Bastos em 1964. Roberto é segundo à esquerda

ALBUM DE FAMÍLIA



"Beleza para deixar na areia"

Diminuição do número de conchas nas praias / Aquecimento global / Excesso de protetor solar na água / Pesquisadores da UFSC / Bióloga marinha e coordenadora do Departamento de Aquicultura da UFSC, Aimê Magalhães / Biólogo e oceanógrafo coordenador do projeto Biodiversidade Marinha do Estado de Santa Catarina, executado pela UFSC, Alberto Lindner / Coleta de conchas por visitantes e colecionadores



Estudos mostram que população de conchas diminui em praias movimentadas

Beleza para deixar na areia

Pode parecer detalhe, mas, mesmo com aquecimento global e poluição, o sumiço das conchas pode estar em suas mãos

THIAGO SANTAELLA

A cada ano que passa o número de conchas que aparecem nas praias, em especial as mais frequentadas, diminui. É o que pensam banhistas ansiosos pelas preciosidades e constatarem artesãos que trabalham com as conchas como forma de arte e sobrevivência.

As teorias falam em aquecimento global, excesso de protetor solar na água, enfim, desequilíbrio ambiental. A questão pode ser bem mais simples do que essas especulações.

Dois pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) têm uma teoria, em análise ainda. Praias cada vez mais cheias de visitantes são também locais dos quais mais turistas levam recordações. O motivo pode ser a própria coleta.

- Conchas são o quarto item

mais colecionado do mundo. Atrás apenas de selos, moedas e cédulas - explica a bióloga marinha Aimê Magalhães, especialista no estudo de moluscos e coordenadora do Departamento de Aquicultura da UFSC.

Observe, mas não leve para casa

Aimê defende que seja feita uma campanha no estilo "olhe, aproveite, bata foto e não leve para casa". Não modificar esse ambiente, mesmo em áreas mais urbanizadas, ajuda a manter o equilíbrio ténue que há entre as espécies no local.

- Mesmo se o animal estiver morto ele tem uma função no ecossistema. A concha de alguns moluscos já mortos serve de casa, por exemplo, para um crustáceo conhecido como caranguejo ermitão, que a usa - diz o biólogo e oceanógrafo Alberto

Lindner, que coordena o projeto Biodiversidade Marinha do Estado de Santa Catarina, executado pela UFSC.

Ele cita o que aconteceu em Arraial do Cabo, no Rio de Janeiro. A região tinha uma população grande de uma espécie conhecida como Coral de Fogo e chegou a ser chamada de Oásis Coralíneo na década de 1960. E a coleta - para servir de rocha viva em aquário - praticamente acabou com essa beleza local.

Aconteceu em Santa Catarina também. Uma espécie de estrela do mar, mais alta e com aparência espinhosa teve a população reduzida pela procura para, seca e sem vida, enfeitar a parede de casas de praia. Agora é difícil de se encontrar nos mergulhos, afirmou o pesquisador.

Por isso os especialistas alertam: não remova nada quando for ao mar. Preserve.

thiago.santaella@diario.com.br

TEM EXPLICAÇÃO

- 1 Ao pegar uma concha na praia, daquelas espiraladas, você pode estar prejudicando animais marinhos.
- 2 O animal pode ainda estar ali dentro, tentando preservar a umidade, até que uma onda o devolva ao mar.
- 3 A morte do animal vai provocar cheiro ruim e as conchas vão acabar parando no lixo. Duplo desperdício.
- 4 Assim você pode privar um animal, como o caranguejo ermitão, de uma nova casa para sua sobrevivência.
- 5 Ele usa as conchas abandonadas de animais mortos para a sua proteção, já que não possui uma carapaça tão rígida contra predadores.
- 6 Para o meio ambiente, vale mais deixar essa beleza intocada.
- 7 E você trocar sua coleção por uma de fotos de conchas.

Diário Catarinense

Serviço

“Tutores pedagógicos”

Inscrições / Seleção de tutores presenciais / Programa Institucional de Apoio Pedagógico aos Estudantes – Piape / UFSC



Seleção de tutores
Segue até 14 de março as inscrições para a seleção de tutores presenciais para o Programa Institucional de Apoio Pedagógico aos Estudantes (Piape) da UFSC, em Florianópolis. A carga horária é de 16 horas e a bolsa mensal é de R\$ 800. O edital com mais informações pode ser conferido no site <http://apoio pedagogico.prograd.ufsc.br>.

Diário Catarinense

Serviço

“Artigos científicos”

Pró-Reitoria de Extensão da UFSC / Submissão de artigos e relatos de experiência / Primeira edição da revista Caminho Aberto / Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC



Artigos científicos
A pró-reitoria de extensão da UFSC mantém aberto até 30 de junho o período de submissão de artigos e relatos de experiência para a primeira edição da revista Caminho Aberto, publicação interdisciplinar voltada à comunicação científica. A publicação será feita pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Mais informações no site periodicos.ifsc.edu.br.

Secretário de Infraestrutura de SC, Valdir Cobalchini / Governador Raimundo Colombo / Atrasos em obras públicas / Problemas na legislação / Fiscalização / Má gestão / Aditivos / Ponte Hercílio Luz / Obras de acesso ao aeroporto de Florianópolis / Obras da SC-403 / Secretarias da Administração e da Casa Civil / Empresa Espaço Aberto / Terreno da UFSC permutado com o governo do Estado

Obras públicas

ENTREVISTA

Valdir Cobalchini Secretário de Infraestrutura de SC

"Não temos sido tolerantes"



Diário Catarinense – Como empresas com históricos de atrasos seguem vencendo licitações?

Valdir Cobalchini – A legislação é falha. Quando se trata de obras é o menor preço, não é questão técnica. Você não pode escolher a melhor empresa, vai ter de escolher o

menor preço. Acho que a legislação precisa avançar neste sentido.

SÂMIA FRANTZ
samia.frantz@diario.com.br

Problemas na legislação e má gestão de empresas são apontadas como as principais causas para o atraso de obras públicas em Santa Catarina. Escalado pelo governador Raimundo Colombo para falar sobre a demora na entrega, Cobalchini reafirma a possibilidade de rescisão de contrato com empresas que não cumprirem cronogramas

DC – A fiscalização dessas obras não pode ser mais forte?

Cobalchini – Você admite atraso em função de um fator que surja depois da assinatura do contrato, durante a execução da obra. Por exemplo, um fenômeno climático, hipótese em que tem de haver aditivo para consertar um projeto. Agora isso, quando é culpa do executor, acho que o Estado não pode ser tolerante. Tem de usar os mecanismos previstos em contrato, notificar do atraso, multa, rescisão. Mas devido à legislação, que prevê muita judicialização, você acaba tendo atraso até mesmo antes do início da obra. Muitos recursos são previstos, administrativos, judiciais, que acabam demorando meses até um desfecho. Algumas empresas oferecem desconto de 20%, 30% e depois acabam abandonando ou forçando aditivos. Não estou me referindo especificamente a esta (Espaço Aberto).

DC – A fiscalização não percebe?

Cobalchini – A fiscalização tem agido com rigor, mas a legislação é branda. Mudamos em algumas coisas também. O Estado contratava uma empresa para fazer a supervisão da obra, para fazer o acompanhamento e pagava mensalmente. Não pagamos mais assim porque, quanto mais demorasse a obra, mais a empresa receberia. Agora nós estamos fazendo por percentual da obra, passou a não ser mais interessante a demora. Não temos sido tolerantes. Tanto é verdade que no caso específico dessa, eu próprio, em reunião com o governador e com outros secretários, disse que a gente não podia mais ficar se enganando. Temos sido muito rigorosos, seja com essa, seja com outras. Temos ingressado em juízo contra empresas por atrasos, por má qualidade. Temos outros problemas em Santa Catarina.

“

Quanto mais rápida a obra for, mais lucro a empresa terá. Ao contrário, há incapacidade técnica e má gestão. Se a legislação for aperfeiçoada não haverá mais espaço para essas empresas.

DC – Há muitas construtoras com atraso nas obras?

Cobalchini – Ah, tem, tem. Por exemplo, tivemos concorrências internacionais e há duas empresas de Portugal executando obras, e elas não estão andando como deveriam. Também tem outras catarinenses que deveriam ser banidas, porque as obras que elas executam são obras com problemas.

DC – Mas há muitas empresas que atrasam a obra com má fé?

Cobalchini – A obra, quanto mais rápida for executada, mais lucro a empresa vai ter. Ao contrário disso, há incapacidade técnica e má gestão ou falta dela. Se a legislação for aperfeiçoada, não haverá mais espaço para esse tipo de empresa porque acaba não sendo um bom negócio. Quando atrasa de forma indefinida, ela acaba perdendo também. É ruim para o Estado, para a sociedade, mas é também ruim para a empresa.

DC – Mas receber correção a cada ano de atraso ou receber aditivos também é uma forma de lucrar e podem existir empresas de olho nisso?

Cobalchini – O Estado está sendo muito rigoroso, não está concedendo aditivo. O Estado vai deferir aditivo quando está muito claro, quando há mudança de objeto no curso da obra. A empresa que tem essa estratégia vai dar com os burros na água. Não acontece mais. Há alguns anos essas empresas não apareciam. Mas hoje não tem chance porque o Estado não permite mais esse tipo de coisa. Se tiver de rescindir contrato, o Estado vai rescindir, não tenha dúvida.

DC – Em que casos os aditivos não são mais permitidos?

Cobalchini – Quando não é uma situação técnica, em que for comprovadamente necessária a mudança. Agora isso, a regra é não conceder o aditivo. Os aditivos são de obras que

não estavam previstas no projeto, ou depois no curso da obra, ou por vontade do Estado. São situações como a última da ponte (Hercílio Luz). E, às vezes, o reflexo dessas mudanças não é financeiro, às vezes não custa nada e até barateia.

DC – Quem decide isso?

Cobalchini – Quando a construtora pede, a empresa supervisora também vai ter de justificar esse aditivo. Aí vai para o grupo gestor para ver se há fonte de pagamento, se está na programação financeira da secretaria, se tem saldo contratual para fazer antes de aprovar. E ainda antes disso há um comitê dentro do governo que analisa os aditivos. Secretaria de Administração e da Casa Civil analisam questões técnicas e legais, o contrato, o projeto. Esse comitê foi criado no atual governo. Tudo isso para dificultar. Hoje, para passar um aditivo é muito difícil. As empresas têm diminuído muito os pedidos, tanto que as obras do novo acesso ao aeroporto e da SC-403 não têm aditivos. Em torno de 50% do custo com aditivos, se não mais, já foram reduzidos com essa peneira.

DC – E os atrasos que continuam, o que os justifica?

Cobalchini – Má gestão. Aí não tem o que se fazer. A empresa tem os dias contados, ela vai quebrar.

DC – Mas até que isso aconteça, ela tem de entregar uma obra ao Estado. Como se cobra isso?

Cobalchini – Ou a empresa abandona ou entrega a obra. Não tem tido problema em relação a isso. Ela atrasa, mas vai entregar. E quando você vê que ela não tem condições de entregar faz rescisão do contrato. Não há mais hoje uma obra que se arraste de forma indefinida, sem que o Estado tome providências.

“

Cada vez menos empresas vão participar de licitação contando que o Estado vai ser uma mãe. O Estado não pode ser uma mãe, generoso, complacente, fazer que não está vendo.

DC – Mas e a ponte?

Cobalchini – Estamos aguardando a entrega do novo cronograma, na quarta (amanhã), para decidir o que fazer. O governador não descarta romper o contrato e já disse isso.

DC – E as obras de acesso ao aeroporto? A Espaço Aberto retirou o corpo técnico do canteiro de obras há quatro meses.

Cobalchini – No acesso ao aeroporto teve um outro problema, não exclusivo da empresa. Temos uma licença ambiental que era impossível executarmos sem desapropriar mais de 100 residências. Pelo custo e porque os moradores do Santos Dumont (loteamento) se mobilizaram. Nós fomos dividir um bairro ao meio. O custo seria maior que a obra. Então não posso culpar a empresa.

DC – Mas ela poderia adiantar outros serviços. O engenheiro que fiscaliza a obra afirmou isso.

Cobalchini – Sim. Tem ali um trecho mais próximo ao novo terminal que poderia ter sido atacado. Há sim problemas decorrentes da gestão da obra e há outros problemas, como o terreno da UFSC que foi permutado e só foi liberado agora. Antes disso não havia como cobrar a empresa.

DC – Mas isso foi há 30 dias. A obra não deveria estar andando?

Cobalchini – Se tirar todos esses problemas, a empresa poderia sim estar ali. O Estado tem feito a sua parte, tem cobrado. Notificou a voltar a trabalhar. Pediu novo cronograma, apresentado na semana passada, e começamos a analisar. Se for o caso, a rescisão vai ser o caminho. E não estou falando só dessas três obras. Eu podia fazer um relatório de quantos problemas temos.

DC – De que forma o Estado pretende fiscalizar as empresas que continuam atrasando obras?

Cobalchini – O Estado está sendo rigoroso. Eu te garanto que a Espaço Aberto não está tendo lucro. Ela e outras que não trabalham, não medem, não entregam a obra. Cada vez menos empresas vão participar de licitação contando que o Estado vai ser uma mãe. O Estado não pode ser uma mãe, generoso, complacente, fazer de conta que não está vendo. Tem de exercer papel fiscalizador, cobrar, monitorar, impor metas.

“O peso da qualidade: A difícil tarefa de decidir entre ficar ou partir”

Escolha da melhor faculdade / Estudantes que mudam de cidade / Censo 2010 do IBGE / Sistema de Seleção Unificada - Sisu / UFSC / Alunos de outros estados / Programa Nacional de Bolsa Permanência / Ministério da Educação - MEC / Udesc / Exame Nacional do Ensino Médio - Enem / Vestibulares da UFSC e da Udesc / Coordenador e professor do pré-vestibular público Pró-Universidade, Otávio Auler / UFRGS / UFLA / UFABC / Unicamp / UFMG / UFTM / UFSCAR / UFV / UFCSPA / UFFS / IFSC / IFC

2 vestibular

O PESO DA QUALIDADE

A difícil tarefa de decidir entre ficar ou partir

Toda instituição de ensino conhece seus pontos fortes. Mas o estudante sabe como escolher a melhor faculdade? Tão importante quanto passar no vestibular é saber se você está investindo bem o seu tempo. Converse com seus pais, pesquise sobre o custo de vida em outras regiões e avalie o custo-benefício, mas lembre-se: a decisão de trocar de cidade irá alterar o resto da sua carreira e não pode ser tomada às pressas.

GABRIEL ROSA

Manter as amizades antigas ou trocar completamente de círculos sociais? Ficar no conforto da casa dos pais ou prezar pela autonomia de se morar sozinho? Não existe uma fórmula pronta para quem precisa tomar essas decisões, mas a busca pelo ensino universitário mexe com a vida de milhares de estudantes que preferem deixar suas cidades para cursarem a faculdade certa.

Segundo dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 29% dos universitários brasileiros estudam em cidades diferentes daquelas em que vivem. Na pós-graduação, essa porcentagem aumenta para 32,6%. O número impressiona porque reflete apenas a realidade daqueles que transitam entre dois municípios com frequência, diariamente, ignorando o número de universitários que se mudam definitivamente.

A busca por universidades conceituadas ou cursos específicos oferecidos em poucos lugares são as ra-

zões que inspiram essas mudanças. Como mostra o Censo do IBGE, quanto mais alto o grau de instrução do indivíduo, maior a dificuldade em se encontrar um lugar próximo de casa para estudar. Por isso, não surpreende que, em 2013, mais de 15 mil jovens aprovados no Sisu (mais de 13% do total) escolheram universidades em estados diferentes do seu.

A UFSC também não foge desse padrão. No último vestibular, por exemplo, apenas 73% dos candidatos classificados são de Santa Catarina; 7,4% moram em São Paulo, 7,1% no Rio Grande do Sul, 6% do Paraná e 5,8% em outros estados.

Entretanto, os custos de morar sozinho ainda dificultam a vida de quem resolve estudar fora. Subsídios como o Programa Nacional de Bolsa Permanência, criado pelo Ministério da Educação (MEC) em maio do ano passado, facilitam o processo, mas não o resolvem por completo. Em Florianópolis, por exemplo, a bolsa de R\$ 400 mensais mal serve para pagar um aluguel nas proximidades da UFSC ou da Udesc.

gabriel.rosa@diario.com.br

Governo federal quer aumentar fluxo entre regiões

O fortalecimento do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) nos últimos anos facilita a transição de estudantes entre regiões. Como a plataforma do governo federal permite que um vestibulando use a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para se inscrever para qualquer faculdade do País, torna-se mais fácil enxergar um panorama geral das possibilidades que se abrem a cada fim de ano.

Uma vantagem do Sisu observada pelos vestibulandos é a diminuição de fronteiras geográficas e culturais nas provas. Vestibulares como a da UFSC e da Udesc têm tentado fugir cada vez mais do localismo, aproximando-se do que intenciona o Enem, mas é comum os candidatos de fora apresentarem dificuldades para absorver quilos de literatura regional, geografia e história do Estado. Quando se faz vários exames em regiões diferentes, então, a tarefa torna-se quase impossível.

– O conteúdo regionalizado é um limitador para quem vem de fora, e até o sistema de somatórios usado quase que apenas pela UFSC atrapalha os estudantes de outros Estados. Uma universidade pública deve privilegiar a mobilidade, e é isso que as nossas faculdades têm tentado, ainda que bem devagar – explica Otávio Auler, coordenador e professor do pré-vestibular público Pró Universidade.

As melhores universidades do país

As instituições recebem nota de 0 a 5 levando em conta o desempenho dos alunos, a estrutura e a qualificação dos professores

4,28	4,23	4,23	4,18	4,10	4,04	4,03	4,01	4,00	3,93
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Universidade Federal de Lavras (UFLA)	Fundação Universidade Federal do ABC (UFABC)	Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)	Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)	Universidade Federal de Viçosa (UFV)	Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA)	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Fonte: Índice Geral de Cursos (IGC), do Ministério da Educação (MEC), divulgado em dezembro de 2013

Por que estudar em SC



Florianópolis, Araranguá, Curitiba, Joinville e Blumenau
Por que estudar: A maior instituição pública do Estado é também uma das mais conceituadas do País. No Guia do Estudante 2014, por exemplo, 23 dos 40 cursos foram avaliados com a nota máxima. Outras medições também elevam o status da UFSC, como o *Webometrics Ranking of World Universities*, que coloca a instituição como a quinta melhor da América Latina. Alguns cursos de destaque são oferecidos em cidades do interior, como no de Joinville, mais focado nas engenharias e na mobilidade urbana, marítima e aérea. Já Florianópolis, além de concentrar a maioria dos cursos, é também uma das cidades com a maior qualidade de vida do Brasil.



Florianópolis, Joinville, Lages, Chapecó, Ibirama, Laguna e outros
Por que estudar: A única universidade estadual de Santa Catarina tem como maior objetivo ampliar o alcance para fora da Capital. Por isso, embora tenha aproximadamente a metade dos estudantes da UFSC, os braços da Udesc chegam a cidades menores no Estado inteiro: Pinhalzinho, São Bento do Sul, Ibirama e Palmitos são alguns dos 10 municípios que oferecem cursos da instituição. O polo Joinville concentra a área de Engenharia, enquanto Chapecó abriga a graduação em Zootecnia. Vale a pena conferir a lista dos cursos oferecidos na sua cidade e verificar o quanto ele se destaca na sua área.



Chapecó (SC)
Por que estudar: A Universidade da Fronteira Sul (UFFS) é a caçula das instituições públicas de ensino em Santa Catarina. Por isso, a estrutura da instituição está sendo melhorada pouco a pouco, com aumento também no número de novos alunos a cada processo seletivo. Neste semestre, por exemplo, espera-se que 490 novos estudantes entrem para o polo Chapecó da universidade, fazendo o município do Oeste catarinense ter 3 mil alunos de Ensino Superior estudando gratuitamente pela primeira vez. Para melhorar, 100% dos ingressos acontecem pelo Sisu, sem nenhum tipo de vestibular. Vale a pena conferir quais cursos são oferecidos nos outros polos da UFFS, distribuídos no Paraná e no Rio Grande do Sul.



Blumenau, Araquari, Camboriú, Concórdia, Ibirama, Rio do Sul, Videira e mais oito cidades
Por que estudar: O Instituto Federal Catarinense (IFC) se originou a partir das escolas agrônomas federais de Concórdia, Rio do Sul e Sombrio, e dos colégios agrícolas de Camboriú e Araquari. Embora não conste nas avaliações do Ensino Superior em geral por não ser uma universidade, o instituto também tornou-se um polo de concentração de estudantes principalmente pelo caráter agrícola. O curso superior de Ciências Agrícolas do Campus de Araquari, por exemplo, é o único do Estado. Já o Técnico Integral em Agropecuária é ofertado em Araquari, Camboriú, Concórdia, Rio do Sul, Sombrio e Videira, somando uma oferta de mais de 700 vagas.



Florianópolis, Chapecó, Concórdia, Gaspar, Joinville, Lages, Palhoça, São José, Xaxaré e mais nove cidades
Por que estudar: O Instituto Federal de Santa Catarina (IFS) surgiu a partir do antigo Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet). Hoje, o caráter atual do instituto não é mais voltado apenas à tecnologia e às engenharias, mas a trajetória do centro de ensino continua presente: no último processo seletivo, por exemplo, o curso de graduação mais concorrido do IFS-SC foi o de Gestão da Tecnologia da Informação, em Florianópolis, que chegou aos 52 candidatos por vaga. O IFS-SC também não consta nas avaliações em geral por não ser uma universidade.

CLIPPING DIGITAL

Clipping dia 28/02/14

[Região do Contestado pede apoio a Ideli para fortalecer indústria fosforeira](#)

Clipping dia 04/03/14

[Região do Contestado pede apoio à Ideli para fortalecer indústria fosforeira](#)

[Químicos brasileiros e franceses debatem sustentabilidade](#)

[Novo diretor da Esag, na Udesc, assume nesta quarta-feira](#)